

e4012

Data de submissão:

10/10/17

Data de aprovação:

02/01/18

Data de publicação:

28/3/2019

Editores de seção:

Marli Hermenegilda

Pereira, Ângela Marina

Bravin dos Santos,

Fernanda Lessa

Pereira, Gilson Costa

Freire e Wagner

Alexandre dos Santos

Costa.



Discurso, ideologia e controle: a revolução dos sentimentos em *Animal Farm*, de George Orwell

Hudson dos Santos Barros

<http://orcid.org/0000-0003-0392-761>

Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro – FAETERJ; Faculdade Machado de Assis – FAMA – Rio de Janeiro, Brasil.

RESUMO

Ao abordar as relações entre discurso e poder em *A revolução dos bichos* (*Animal Farm*), de George Orwell, este estudo leva em consideração a relação entre língua e ideologia. Conforme Maingueneau (2007), a identidade de um discurso não se limita ao vocabulário ou às frases, mas está associada a uma compreensão global que une as dimensões textuais a um sistema de representação sócio-histórico. Partindo desses pressupostos, a alteridade torna-se essencial para a constituição das formações discursivas, tornando essencial na formação do imaginário social (PÊCHEMAUX, 2009). Na obra analisada, publicada em 1945, pode-se observar a força de subjetivação do discurso na construção de uma sátira da ditadura stalinista. No enredo, os animais da Granja do Solar (*Manor Farm*) expulsam o sr. Jones e assumem o controle, buscando implementar um sistema mais justo do que outrora. Revolução essa que tem como força propulsora o discurso inicial do velho porco Major (*Old Major*). Em toda a obra, a ação discursiva se torna fundamental na organização, condução e incentivo da vida em comum, com força ainda maior na posterior implantação da ditadura do porco Napoleão (*Napoleon*). Nesse cenário, o poder e a opressão são exercidos não apenas pela violência, mas também por jogos discursivos que atuam nos sentimentos, legitimando o status quo do regime imposto. Tendo como foco essa subjetivação, objetiva-se aqui compreender o modo de funcionamento dos discursos de controle na obra, possibilitando assim a compreensão da relação entre língua e ideologia para além do contexto do clássico livro de Orwell.

Palavras-chave: Discurso. Ideologia. Poder. Literatura. Orwell.

Discourse, ideology and control: the revolution feeling in *Animal Farm*, by George Orwell

ABSTRACT

This paper takes into account the relation between speech and ideology when it approaches the relations between discourse and power in *Animal Farm*, by George Orwell. According to Maingueneau (2007), the discourse of an identity is not limited to the vocabulary or sentences, however, is associated to a global comprehension that links the textual dimensions to a sociohistorical representation system. As from these assumptions, the otherness becomes essential for the discursive formations in the social imaginary formation (PÊCHEMAUX, 2009). In that analyzed literary work, published in 1945, we can notice the discursive subjectification in the construction of a satire of the Stalinist

dictatorship. In the story, the animals of Granja do Solar expel Mr. Jones and take control, seeking to implement a fairer system than before. This revolution has as driving force the initial speech of the old pig Major (Old Major). Throughout the work, the discursive action becomes fundamental in the organization, conduction, and incentive of the life in common, with even greater force in the later dictatorship implantation of the pig Napoleon (Napoleon). In this scenario, the power and the oppression are exercised not only by the discursive games that act in the feelings, legitimizing the status quo of the imposed regime. Inside this context and keeping as our focus the subjectification, we intend to comprehend the way how the discourses of regulation work, thus enabling the comprehension of the relation between speech and ideology beyond the classic Orwell's book context.

Keywords: Discourse. Ideology. Power. Literature. Orwell.

INTRODUÇÃO

Em *A revolução dos bichos*, de George Orwell, o discurso é fundamentalmente uma força produtora de relações, capaz de instituir comportamento, luta e legitimação. Logo no início da obra, pode-se constatar a energia formadora do discurso nas palavras do velho porco Major aos animais da Granja do Solar. Mais do que apresentar um conjunto de ideias, tais palavras surgem como via catalizadora de transformação do status quo. É partir dessa fala inicial que os animais tomam aguda consciência da situação de subserviência e exploração imposta pelo senhor Jones. A palavra compartilhada renova perspectivas e incita mudanças, constituindo novos horizontes éticos a seus ouvintes. Além de revitalizar os sentidos da vida coletiva, as ideias apresentadas geram novas possibilidades discursivas, determinando novas formações ideológicas e condições materiais que renovam subjetividades e as múltiplas formas de organização do lugar. A fala do velho Major evidencia a centralidade do discurso no processo de revolução narrado no livro de Orwell: mais do que apresentar a força do trabalho coletivo na reconstrução de estruturas materiais dominantes, a obra focaliza também (e principalmente) o caráter essencial das formações discursivas para a mobilização das novas formas de pensar, sentir e agir segundo critérios legitimados por um grupo dominante.

Outros discursos despontam na obra, moldando práticas e visões de mundo, dirigindo-se aos íntimos anseios dos animais por uma vida livre e sem opressão. Conforme explica Fairclough (2001), o discurso é tanto um modo de representação quanto um modo de ação, uma vez que sua função não se restringe à transmissão de ideias ou conceitos; moldado e restringido pela estrutura social, o discurso é considerado uma forma de prática social constituída por uma complexa e, por vezes, contraditória rede de significações capaz de intervir dialeticamente na realidade. Para o pesquisador, a prática discursiva é constitutiva em

sua capacidade de reprodução ideológica e em seu poder de transformação de conjunturas: isso porque pode contribuir para naturalizar e automatizar as ideologias dominantes ou pode também ser um viés criativo para novas possibilidades de desafio a essas ideologias.

Em *A revolução dos bichos*, a dominação é realizada por um estratégico processo de reorganização ideológica liderado pelo porco Napoleão. Após trair e expulsar Bola-de-Neve, Napoleão inicia uma outra ordem social baseada na violência, interdição e manipulação. Nessa nova realidade, os princípios de igualdade e liberdade desejados pelo velho Major são cinicamente alterados: Napoleão instaura uma ditadura, outorgando-se um líder supremo a quem todos devem obedecer sem questionamento. Além da violência, o controle sobre os animais ocorre paulatinamente nos meandros da lógica identificadora da formação discursiva, no que Pêcheux (2009, p. 145) denomina de “processo de interpelação-identificação”, processo pelo qual as relações jurídico-ideológicas impõem a presença de normas identificadoras reprodutoras de ideologias que atuam na produção do sujeito. Segundo Pêcheux (2009), a ideologia não é meramente um conjunto de ideias, mas principalmente forças materiais capazes de submeter o indivíduo a formações discursivas que impõem pensamentos e tomada de posições. Para o teórico, palavras, expressões e proposições adquirem sentido apenas no interior da formação discursiva as quais estão vinculadas.

Dentro dos pressupostos apresentados, o estudo do discurso na obra de Orwell possibilita uma maior compreensão da íntima e inevitável vinculação entre língua e ideologia. O livro foi escrito no período da Segunda Guerra Mundial como uma contundente crítica à ditadura de Stalin, que subverteu os princípios da revolução socialista em prol de um governo centralizador e opressor. Contudo, *A revolução dos bichos* ultrapassa tais barreiras e permite, décadas após sua publicação em 1945, uma releitura para o entendimento de mecanismos universais de dominação e legitimação da desigualdade por meio de uma complexa, lenta e quase invisível teia de formações discursivas. Formações essas que operam não somente na racionalidade dos sujeitos, mas também em suas íntimas motivações, em seus sentimentos e utopias, enfim, em sua disposição afetiva.

A revolução dos bichos mostra como os animais são manipulados devido a sua falta de autonomia intelectual e incapacidade de articular linguisticamente seus pensamentos. Sem o saber necessário para uma consciência crítica dos acontecimentos, são constantemente conduzidos por lemas, princípios e narrativas que não conseguem questionar. Suas ações são determinadas, em grande parte, por enunciados prontos, responsáveis por ordenar e impulsionar os significados de suas ações. Nesse cenário, observa-se como a moldagem dos sentimentos são elementos-chave para a legitimação da ditadura de Napoleão.

É com base nessa concepção de que a interpelação ideológica não atua apenas na dimensão racional que este estudo sobre o livro de Orwell foi desenvolvido. Antes, porém, será necessário apresentar o conceito de interdiscurso e demonstrar sua relevância para a constituição de formações ideológicas legitimadoras de práticas de poder. Em seguida, serão analisadas partes da obra que evidenciam a relação entre os enunciados e as disposições e vínculos afetivos que atuam na dispersão da reprodução ideológica e na consequente manutenção de um regime de poder.

O INTERDISCURSO E A FORMAÇÃO IDEOLÓGICA

Segundo Foucault (2008), um entendimento mais amplo de um acontecimento discursivo vincula-se à apreensão de um não dito, de uma presença silenciosa e oculta ao que se torna manifesto linguisticamente na dispersão temporal. Para o autor, o conjunto finito e limitado das sequências linguísticas possibilita o estudo do discurso a partir da determinação das condições de sua existência e das correlações entre enunciados. Tal análise busca a compreensão das relações entre discursos e das razões que possibilitam a presença de um enunciado e não outro em um determinado contexto. Foucault chama a atenção à emergência e à regularidade de um acontecimento enunciativo que se repete e se transforma; a sua associação a um já dito e a enunciados anteriores pertencentes a um jogo de relações silenciosas. Nessa linha de pensamento, destaca-se, portanto, a análise correlativa dos discursos, com foco na busca de sucessões e coexistências enunciativas presentes nas lógicas e vinculações invisíveis de uma formação discursiva.

Para Maingueneau (2007), a identidade de um discurso reside na rede de intercompreensão ao qual está vinculado. De acordo com esse entendimento, a relação interdiscursiva estruturaria a identidade de todo discurso e se concretizaria no dinamismo, circulação e troca permanente entre enunciados. Maingueneau (2007, p. 19) afirma ainda que o discurso é governado por um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação. Para ele, o dizível constitui um sistema caracterizado por uma identidade que agrega integralmente elementos linguísticos e históricos. Por esse motivo, o teórico enfatiza a necessidade de estudo das condições históricas dos enunciados, sua gênese e sua relação com o interdiscurso. Maingueneau (2007, p. 23) argumenta também que o discurso não é um conjunto de textos, mas uma prática que se desdobra para além do enunciado e da enunciação e se inscreve em um determinado ambiente sócio-histórico como ação produtora de relações.

Fairclough (2001, p. 91) também defende uma concepção similar ao argumentar que o

discurso é essencial para a constituição de todas as dimensões da estrutura social, direta ou indiretamente, visto que a prática discursiva molda e restringe normas, convenções, identidades e instituições, contribuindo decisivamente na formação das relações sociais. Fairclough (2001, p. 94) destaca, além disso, que, como prática política, o discurso é capaz de naturalizar ou desconstruir ideologias e, portanto, contribuir para a manutenção ou transformação das relações de poder.

Em *A revolução dos bichos*, a apreensão do interdiscurso é fundamental para o entendimento do processo de dominação imposto por Napoleão. A criação de um conjunto de enunciados formadores de ideais coletivos é elemento-chave para a constituição de um sistema de representações legitimador de um regime opressor e desmedido. Além disso, destaca-se a incapacidade dos animais dominados de compreenderem os efeitos dessa prática discursiva; a não percepção desse jogo discursivo silencioso de reedição dos enunciados formadores abre caminho para uma lenta reorganização da identidade social da Granja. No lugar de uma sociedade livre e justa, impõe-se uma forma de exploração autorizada, quase natural e invisível; impõe-se, de fato, uma lógica de interesses privados mascarada por uma utopia de bem-estar coletivo futuro. Nesse cenário, a ideologia dominante se impõe, em grande parte, pela livre aceitação de princípios e normas ditos essenciais ao bem comum; ideologia proferida, naturalizada e repetida, produtora de sujeitos incapazes de tomar consciência de sua própria degradação: “os bichos trabalhavam feito escravos. Mas eram felizes”. (ORWELL, 2007, p. 52).

Cabe agora analisar, na próxima seção, de modo mais detalhado, como a dominação ideológica pelo interdiscurso está intimamente vinculada ao conhecimento e à manipulação da disposição afetiva dos sujeitos, operando tanto por meio da racionalidade argumentativa dos enunciados veiculados pelo grupo de poder, quanto pela força dos vínculos sociais e da interpelação dos íntimos sentimentos individuais.

RACIONALIDADE E DISPOSIÇÃO AFETIVA NA INTERPELAÇÃO IDEOLÓGICA

Na obra de Orwell, a argumentação é fundamental para o domínio do grupo de poder na Granja. Fiorin (2017, p. 69) explica que, na argumentação, o discurso é construído com o objetivo de persuadir e que, no processo de enunciação, três componentes são decisivos para a persuasão: o *éthos* (caráter) do orador, o *páthos* (disposição) do auditório e o *lógos* (o discurso propriamente dito). Com base na retórica de Aristóteles, Fiorin (2017, p. 70-74) explica que o

éthos é a imagem que o orador constrói de si na enunciação e que o caráter desse enunciador é também um instrumento eficaz para o convencimento de um auditório. Na enunciação, é construído um sujeito do discurso, isto é, um autor discursivo que revela características que nem sempre se associam à pessoa real. Do outro lado, está o interlocutor ideal a partir do qual os argumentos serão elaborados. Fiorin diz que o orador precisa conhecer seu público para a construção de um discurso eficaz; precisa saber o que move e comove o auditório, ter a percepção do que pensam, sentem, opinam e esperam. Explica ainda “o *páthos* não é a disposição real do auditório, mas uma imagem que o enunciador tem dela”. (FIORIN, 2017, p. 74).

Tais conceitos chamam a atenção ao fato de que a aceitação de uma ideologia por um determinado público envolve não apenas elementos de ordem racional; envolve também componentes de ordem afetiva associados ao *éthos* do orador e ao *páthos* dos interlocutores. Ter ciência disso é essencial para o entendimento dos mecanismos de controle ideológico a que os animais da obra de Orwell foram submetidos. Nesta, os discursos argumentativos ganham força tanto na autoridade dos oradores (Major, Bola-de-Neve, Napoleão) quanto na disposição afetiva do público, componentes sem os quais não ocorreriam as decisivas transformações na Granja do Solar.

Eis alguns exemplos a respeito da importância da autoridade dos oradores. Logo no início, o narrador destaca que o velho Major “gozava de tão alto conceito na granja que todos estavam dispostos a perder uma hora de sono só para ouvi-lo”. Para efetivar seu projeto de poder, a construção da imagem de Napoleão como um animal sábio e empático é essencial, daí a máxima: “Napoleão tem sempre razão.” (ORWELL, 2007, p. 49). Cabia ao propagandista Garganta (*Squealer*) explicar aos animais que “Napoleão nunca fora contra a construção do moinho de vento. Pelo contrário, ele é que advogara a ideia desde o início, e o projeto que Bola-de-Neve havia desenhado no assoalho do galpão das incubadoras fora, na realidade, roubado entre os papéis de Napoleão.” (ORWELL, 2007, p. 50). O trecho refere-se ao episódio anterior em que Bola-de-Neve trouxe aos companheiros a ideia de construir um moinho de vento para reduzir o trabalho feito pelos animais. Ideia contra a qual Napoleão se contrapôs, tentando desacreditar publicamente Bola-de-Neve.

Além de apresentar uma série de discursos que buscam elevar a imagem de Napoleão após a tomada de poder com a expulsão de Bola-de-Neve, é fundamental a elaboração de um conjunto de enunciados que apelam para o horizonte de expectativas dos animais. Enunciados que evocam seus sonhos, medos, desejos, dúvidas, ideais. O apelo não reside apenas na dimensão racional, por isso o comprometimento no serviço por grande parte dos animais se

torna exemplar apesar da contínua exploração a que são submetidos pelos porcos. O moinho é símbolo de bem-estar, liberdade e igualdade, peça-chave para uma existência futura sem a opressão dos humanos. O sacrifício presente é justificado pelo descanso e gozo futuro, por uma existência sem os dissabores do árduo trabalho contínuo e sem sentido. Os enunciados edificam, portanto, uma ideologia de livre aceitação da submissão, evocando a crença de uma vida futura de felicidade e sedimentam, por meio de uma formação discursiva que mescla a dimensão afetiva e intelectual, a reestruturação dos modos de agir e pensar coletivos.

Vale ressaltar que esse duplo apelo, ao afetivo e ao intelectual, pode ter maior eficácia a partir da força coesiva e estruturante do grupo social. Conforme afirma Bakhtin (1979, p. 98): “Na maior parte dos casos, é preciso supor, além disso, um horizonte social definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos [...]”. Garganta é o principal propagandista da Granja, sendo o responsável pela construção da imagem de Napoleão (e conseqüente detração de Bola-de-Neve) e pela explicação das ações do líder para os animais. Entretanto, é pela dispersão, repetição e renovação dos enunciados pelo coletivo que a estruturação do controle ideológico se realiza de forma ampla. A energia afetiva coletiva instigada e convocada é determinante para a eficácia das máximas proferidas. Energia essa que se amplia tanto com as palestras de Garganta quanto com o exercício dos rituais sociais instaurados, como a entoação das canções e pelas reuniões aos domingos. Nesse processo, os vínculos sociais tornam a formação discursiva mais robusta, fato esse que contribui para a consolidação da formação ideológica. Ao mesmo tempo, os discursos são instrumentos de fortalecimento dos laços sociais e, conseqüentemente, da afetividade que rege a coesão do grupo.

Como se pode notar, o controle ideológico não se efetiva apenas pela falta de conhecimento dos animais e por sua incapacidade expressar ideias. Seus sentimentos estão comprometidos com os ideais coletivos, por isso eles se tornam incapazes de entender o interdiscurso presente nos enunciados do grupo de poder. Não conseguem detectar as contradições e estabelecer as necessárias correlações com os enunciados pregressos e com as drásticas mudanças estruturais no ambiente em que vivem. Mesmo quando, por vezes, surgem questionamentos, eles são facilmente convencidos, como no caso da violação do mandamento que proibia os animais de dormirem em camas:

Como que então vocês, camaradas, ouviram dizer que nós, os porcos, agora dormimos nas camas da casa? E por que não? Vocês não supunham, por certo, que houvesse uma lei contra camas, não é? A cama é meramente um lugar onde se dorme. Vendo bem, um monte de palha no estábulo é uma cama. A lei era contra os lençóis, que são uma invenção humana. Nós retiramos os lençóis das camas e dormimos entre cobertores. Confortáveis, lá isso são! Porém não mais do que

necessitamos, posso afirmar camaradas, como todo o trabalho intelectual que atualmente recai sobre nós. Vocês não seriam, capazes de negar-nos o repouso, camaradas, seriam? Não desejariam nos ver tão cansados que não pudéssemos cumprir nossa missão, não é verdade? Será que alguém quer Jones de volta? (ORWELL, 2007, p. 58).

O trecho acima revela a lógica do interesse privado, justificado de forma apelativa e manipuladora. Nesse enunciado e em diversos outros de *A revolução dos bichos*, desvela-se a força do discurso como prática social capaz de naturalizar contundentes relações de poder. Aceitação auferida por uma argumentação elaborada por falsos pressupostos racionais (“um monte de palha no estábulo é uma cama”) e pela contínua tentativa de envolvimento afetivo do espírito coletivo (“camaradas”). Nessa construção, o discurso mostra-se como força produtora de relações e identidades, capaz de submeter e vincular indivíduos de modo imperceptível, tanto pela via intelectual quanto afetiva, atuando sobre sua história e seus horizontes existenciais, tornando-os comprometidos com formações ideológicas as quais não podem controlar e perceber.

É com base em tais assertivas que será realizada na próxima seção um detalhamento conclusivo dos conceitos e argumentos desenvolvidos neste artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme análise desenvolvida neste trabalho, a concretização do regime de poder dos porcos na obra de Orwell viabiliza-se pelo contínuo uso de enunciados legitimadores. Para as decisões impostas, irrompe-se uma série de justificativas que garantem a aceitação e o comprometimento consensual. Os argumentos proferidos, no entanto, não estão centrados somente na busca do esclarecimento racional dos princípios e mudanças efetivados. Paralelamente, os enunciados direcionam-se à disposição afetiva de seu público por intermédio da manipulação dos mais íntimos sentimentos pessoais. A construção da imagem de um líder capaz de empreender significativas ações para o bem-estar social também se torna peça-chave na elaboração dos argumentos. Sendo assim, *lógos*, *éthos* e *páthos* avalizam a eficácia da formação ideológica que mobiliza os ânimos e a força de trabalho dos animais em prol de uma felicidade futura. A articulação desses três componentes, entretanto, não reside apenas na palavra oficial do líder ou de seu propagandista, mas também ocorre na dispersão do convívio coletivo, nos hábitos, símbolos e trocas cotidianas frequentemente imperceptíveis.

Nesse cenário em que a dispersão dos enunciados adquire vigor no espírito coletivo, as tensões criadas pelas inconsistências e arbitrariedades do regime de poder dos porcos não são

afetadas. Os conflitos que irrompem nas formações discursivas legitimadoras de poder são por vezes reconhecidos e proferidos, não sendo, contudo, instrumentos de transformações decisivas. Isso porque a coesão social em torno do projeto ideológico dos porcos liderados por Napoleão atua como uma barreira ao entendimento objetivo dos fatos. Tal coesão social atinge simultaneamente o *lógos* e o *páthos*, impedindo que as tensões cresçam e se espalhem, evitando quaisquer pensamentos próprios capazes de conduzir a ações verdadeiramente transformadoras.

A reprodução ideológica ocorre, portanto, em razão da inépcia dos animais em compreender as novas significações de sua condição e do interdiscurso que a autoriza. Incapacidade essa que não se restringe à dimensão intelectual: a dispersão dos enunciados legitimadores intensifica a coesão social responsável pela sedimentação dos vínculos afetivos associados à formação ideológica. Ao mesmo tempo, essa mesma coesão possibilita o recrudescimento da energia fundadora desses enunciados. Os vínculos afetivos da socialização são primordiais para a naturalização e incompreensão da interpelação ideológica do discurso dominante, fato esse que desconstrói a rígida separação entre *lógos* e *páthos* na construção das normas identificadoras. A obra de Orwell demonstra a relevância dessa inseparabilidade tanto para a interpelação ideológica-identitária quanto para a consolidação de consensos e hábitos inibidores de percepções críticas amplas e ações interventivas autônomas.

Tais ideias demonstram que a narrativa escrita por Orwell não se limita a seu contexto histórico, ou seja, à crítica dos rumos da revolução socialista e das alianças entre ingleses e russos no pós-guerra. Conforme apresentado aqui, a obra também evidencia os perigos das interpelações ideológicas que autorizam lógicas perversas de dominação mascaradas por enunciados supostamente voltados ao bem-estar coletivo. *A revolução dos bichos*, portanto, transcende seu tempo ao construir uma alegoria que revela a força do discurso como prática fundadora essencial para a legitimação das estruturas de poder. O discurso aparece como uma prática que constrói, delimita e autoriza modos de sentir e pensar, o que pode ou não ser dito e vivenciado, incorporando-se eficaz e lentamente no cotidiano até que cristalize e naturalize convenções e princípios sob a forma de verdade essencial e irrevogável. A obra se atualiza, por conseguinte, quando demonstra que esse processo de subjetivação pelo discurso pode contribuir para a continuação das desigualdades e da exploração e, principalmente, para a perpetuação autorizada de grupos de poder e de seus ideais e práticas de dominação.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1979.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Tradução, revisão técnica e prefácio de Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2017.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à formação do óbvio*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi, Lourenço et al. 4. ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2009.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2007.
- ORWELL, George. *A revolução dos bichos: um conto de fadas*. Tradução de Heitor Aquino Ferreira; posfácio de Christopher Hitchens. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Hudson dos Santos Barros

Possui graduação em Letras - português / inglês (bacharelado em 2002 e licenciatura em 2003) pela UFRJ. Concluiu o mestrado (2005) e o Doutorado (2010) em Literatura Comparada pela mesma universidade. Foi professor substituto de teoria literária e literatura comparada da Faculdade de Letras da UFRJ (2006-2007). Atualmente é professor de literaturas de língua inglesa pela FAMA (Faculdade Machado de Assis) e professor concursado de português e inglês da FAETERJ (Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro), exercendo atualmente o cargo de diretor da instituição.